



FLÁVIO KOUTZII: UM OLHAR SOBRE AS SENSIBILIDADES DA GERAÇÃO 68 EM PORTO ALEGRE

Benito Bisso Schmidt*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

bbissos@yahoo.com

Juliano Antonioli**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

jucahist@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é examinar como o militante de esquerda Flávio Koutzii (1943) é representado em textos de caráter memorialístico escritos por seus companheiros de militância e por outros indivíduos que com ele conviveram na década de 1960, especialmente no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Busca-se, desta forma, acessar alguns aspectos das sensibilidades da chamada “geração 68” em Porto Alegre. Para tanto, utiliza-se como referenciais teóricos os conceitos de memória e geração.

PALAVRAS-CHAVE: Flávio Koutzii – 1968 – Memória – Geração

ABSTRACT: The objective of this article is to examine as the militant one of left Flávio Koutzii (1943) is represented in texts of memorialistic character writings for its friends of militancy and other individuals that it had coexisted in the decade of 1960, especially in the scope of the Federal University of the Rio Grande do Sul. One searches, in such a way, to have access some aspects of the sensitivities of the call “generation 68” in Porto Alegre. For in such a way, it is used as theoreticians references the concepts of memory and generation.

KEYWORDS: Flávio Koutzii – 1968 – Memory – Generation

Este artigo apresenta resultados muito preliminares de uma pesquisa mais ampla intitulada “Flávio Koutzii: pedaços de vida na memória – biografia política de

* Professor do Departamento e do PPG em História da UFRGS.

** Acadêmico do curso de História da UFRGS. Bolsista BIC/PROPESQ.

um militante de esquerda”,¹ que visa analisar a trajetória deste personagem, desde sua infância, transcorrida no seio da esquerda judaica de Porto Alegre, passando pela sua militância estudantil e sua atuação nos movimentos de resistência às ditaduras de segurança nacional latino-americanas, até suas experiências de exílio na Europa e durante a redemocratização política brasileira. Priorizamos aqui aspectos desta investigação vinculados ao tema mais amplo das “sensibilidades à margem”. Especificamente, buscamos examinar como Koutzii é representado em textos de caráter memorialístico escritos por seus companheiros de militância e por outros indivíduos que com ele conviveram na década de 1960, especialmente no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Através da compreensão destas reminiscências, e tendo como eixos teóricos os conceitos de memória e geração, acreditamos ser possível resgatar certos aspectos das sensibilidades da chamada “geração 68” da capital gaúcha.

Flávio Koutzii é uma espécie de ícone da “geração 68” porto-alegrense; geração aqui entendida no sentido proposto por Robert Darnton: não como uma faixa cronológica rígida, mas como um grupo de pessoas que se define pela experiência compartilhada de eventos “fortes”, que impregnaram e definiram os contornos de suas identidades individuais e coletivas.² Geração esta que hoje, em todo o mundo, vem sendo ora louvada, ora questionada, em função do seu “aniversário” de quarenta anos. Rebeldes, desbravadores, ousados, ingênuos, inseqüentes... Muitos são os adjetivos empregados para caracterizar aqueles jovens que questionaram as estruturas e valores dominantes da sociedade de então: da organização universitária à dominação de classe, da família à religião. “Sous le pavé, la plage!”, gritavam eles em Paris; “Abaixo a ditadura!”, bradavam no Rio, São Paulo, Porto Alegre e em várias outras cidades brasileiras.³

O jornalista Zuenir Ventura, que havia afirmado em livro célebre a continuidade de 68 como um ano que não teria acabado, agora lança a questão: 1968

¹ A designação da pesquisa baseia-se no título do livro escrito por Flávio Koutzii. Ver: KOUTZII, Flávio. **Pedaços de morte no coração**. O depoimento de um brasileiro que passou quatro anos no inferno das prisões políticas da Argentina. Porto Alegre: L&PM, 1984.

² DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 211.

³ Para uma refinada, embora sucinta, análise do “clima” deste período, consultar: MATOS, Olgaria C. F. **Paris 1968**: as barricadas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

terminou?⁴ Mais enfático, Fernando Gabeira afirmou: “queria sepultar esse período”.⁵ Para além das glorificações e das críticas, da reivindicação de uma herança ou da defesa de um fim, acreditamos ser importante, a fim de compreendermos o sentido histórico das experiências daquela geração, acompanharmos os percursos de seus integrantes, os significados de suas idéias, seus projetos e suas metamorfoses. Tendo em mente tal objetivo, queremos examinar neste texto as reminiscências vinculadas ao nome de Flávio Koutzii que emergem nas narrativas de seus companheiros de geração. Antes, porém, cabe apresentar alguns dados biográficos deste personagem no sentido de facilitar a compreensão da análise que será empreendida posteriormente.

Koutzii nasceu no ano de 1943 em Porto Alegre. Descendente de famílias imigrantes judias provenientes da Europa central, seu pai, Jacob, foi um importante quadro do PCB nos anos 1930 e 1940. Na década de 1960, Flávio despontou como o mais importante líder do movimento estudantil porto-alegrense. Em 1963, filiou-se ao PCB. Posteriormente, engajou-se na oposição clandestina à ditadura militar instaurada em 1964 – inicialmente ingressou na Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, a qual, algum tempo depois, fundiu-se com o POC (Partido Operário Comunista) paulista, por sua vez uma dissidência da POLOP (Política Operária)⁶ – e, diante do recrudescimento da repressão governamental, deixou o país em 1970, tendo seguido para a França, Chile e estabelecido-se na Argentina em 1972. Neste último país, engajou-se no PRT-ERP (Partido Revolucionário de los Trabajadores – Exercito Revolucionário del Pueblo), que praticava a luta armada contra os poderes constituídos. Foi preso pelos órgãos de segurança argentinos em 1975 e libertado em 1979, em consequência de uma campanha internacional de solidariedade, capitaneada por sua mãe, Clara, e por sua companheira, Norma Espíndola. Seguiu então para a França, onde se diplomou em sociologia pela École des Hautes Études em Sciences Sociales, com a tese “Système et contre-système carcéral pour les prisonniers politiques em Argentine – 1976-1980”, orientada por Claude Lefort, que serviu de base para seu livro “Pedaços de

⁴ Ver, respectivamente: VENTURA, Zuenir. **1968** – O ano que não terminou: a aventura de uma geração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988; _____. **1968**: o que fizemos de nós? São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

⁵ GABEIRA, Fernando. **Revista Época**, São Paulo, Globo, p. 70, 7 jan. 2008.

⁶ Para uma caracterização dos diferentes grupos que se engajaram na luta armada contra a ditadura militar brasileira, ver, entre outros: GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 1987. REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro**: os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

morte no coração”. Retornou ao Brasil em 1984 e ingressou no Partido dos Trabalhadores, pelo qual se elegeu vereador em 1988. Dois anos depois, foi eleito deputado estadual. Em 2006, quando estava no seu quarto mandato consecutivo na Assembléia Legislativa gaúcha, sempre com votações expressivas, anunciou sua desistência de concorrer a mais uma legislatura, revelando aos meios de comunicação sua decepção com a vida política brasileira. Atualmente, reside e trabalha em Porto Alegre.

Esta breve descrição da trajetória política de Koutzii já indica a riqueza de suas experiências individuais e sua identificação com os percursos de uma geração: aquela que despontou na cena política latino-americana nos anos 1960, sobretudo através do movimento estudantil; engajou-se na oposição às ditaduras de segurança nacional; sofreu a repressão governamental; partiu para o exílio e participou dos processos de redemocratização no subcontinente. O próprio Flávio compreende suas experiências a partir de uma chave geracional. Em entrevista concedida à revista “Sextante” no ano 2000, ele afirmou:



A nossa cabeça, ou os fatos, os aspectos culturais, a interpretação da realidade, produziam uma convicção. Que não era convicção de um cara sozinho, por isso que é um fenômeno de geração, senão não seria um fenômeno de geração, seria um grupo de enlouquecidos, uma seita, uma fé. Sempre se falou em geração porque foi um fenômeno de gerações, quase todas elas acuadas por golpes militares, mas mergulhadas num magma incandescente de possibilidades de mutação.⁷

Ou seja, na perspectiva de Koutzii, o caráter “de geração” de suas vivências confere a elas inteligibilidade e historicidade, delimitando limites e possibilidades. Por outro lado, contudo, ele se recusa a ser aprisionado pelo passado e reivindica a atualidade de sua atuação: “Mas essa geração não existe mais como geração! Não existe... não sei se me faço entender... Isto não existe mais. Quer dizer, eu posso me reivindicar como dessa geração, mas eu sou da geração dos 90. E vou ser dos 2000 também”.⁸ De qualquer forma, entre continuidades e transformações temporais, a figura de Koutzii cristalizou-se na memória de muitos de seus companheiros de geração como símbolo das lutas e esperanças do final da década de 1960. No presente da memória,

⁷ KOUTZI, Flávio. Entrevista concedida à: **Sextante entrevista**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, p. 19, julho de 2000.

⁸ Ibid., p. 20.

reatualiza-se um passado de combates e utopias, no qual, de forma mais ou menos central, Flávio funciona como um “catalizador de sensibilidades”.

Este é o caso, por exemplo, da lembrança de Uirapuru Mendes no texto “A tomada do RU”, que integra a coletânea comemorativa aos sessenta anos da UFRGS:

A Filosofia era praticamente o centro da esquerda, o pessoal das outras faculdades costumava transitar por ali em suas missões cotidianas. Como teóricos e gurus, destacavam-se Flávio Koutzii, Pila Vares, Marcão, Marco Aurélio Garcia, fina flor do marxismo e adjacências.⁹ [Destques dos autores].

Nesta pequena narrativa, o autor evoca uma época em que a vida acadêmica apresentava-se indelevelmente marcada pela política: “As aulas serviam de mero intervalo para as atividades políticas”,¹⁰ escreveu ele. Corriam os anos 1960 e, na UFRGS, o clima era de engajamento ou, pelo menos, de simpatia nos/pelos grupos de esquerda que faziam resistência ao regime militar. A Faculdade de Filosofia, especificamente, desponta como o lugar onde uma série de eventos comuns (o golpe, a repressão, as atividades de resistência) possibilitou a constituição de vínculos concretos, de uma identidade coletiva, de uma sensibilidade mais ou menos compartilhada entre aqueles que freqüentavam suas salas de aula, corredores e espaços de sociabilidade, possibilitando a sua auto-identificação como uma geração distinta.¹¹ De acordo com Jean-François Sirinelli, define-se como geração

[...] um fato cultural [além de natural, no sentido biológico], por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto-representação e autopromoção: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial.¹²

⁹ MENDES, Uirapuru. A tomada do RU. In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvonne (Orgs.). **UFRGS: identidade e memórias – 1934-1994**. Porto Alegre: Ed. da Universidade – UFRGS, 1994, p. 146.

¹⁰ Ibid., p. 145.

¹¹ Não se pode ignorar, contudo, que existiam na UFRGS, como em quase todas as universidades brasileiras, grupos de alunos e professores que apoiavam o regime militar. Portanto, podemos falar, seguindo as reflexões de Mannheim, da existência de várias *unidades de geração* no referido período. Estas, segundo o autor, seriam os diferentes grupos presentes no interior de uma mesma geração, que poderiam se opor entre si, criando disputas e conflitos. Em suas palavras: “[...] os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos da mesma geração real, que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas”. (FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). **Karl Mannheim**. São Paulo: Ática, 1982, p. 87.)

¹² SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 133.

É a partir da sensação de pertencimento ao contexto de forte militância estudantil do final da década de 1960, manifesta em diversas narrativas de cunho memorialístico, que podemos compreender as maneiras através das quais são lembradas e narradas as experiências daqueles que vivenciaram essa época e que se reivindicam como membros da geração 68. E mais: a presença de Flávio Koutzii em tais narrativas atesta seu papel de destaque como participante desta geração, como indica o texto de Sandra Pesavento, também integrante da coletânea alusiva ao sexagésimo aniversário da UFRGS, o qual, mesmo evocando este tempo passado por outro ângulo – as aulas da professora Helga Piccollo –, inclui Flávio em suas lembranças:

[...] a gente até chegava a acreditar que era possível derrubar a ditadura face a nossa resistência estudantil. Lembro-me muito bem de algumas figuras politizadas de então: [...] Raul Pont distribuindo panfletos, Flávio Koutzii seríssimo, o Pilla a filosofar no bar da Filô [...]. Os líderes de então, que eu respeitava.¹³

Também Raul Pont, citado no texto de Pesavento, presentifica a figura de Koutzii ao evocar o bar da Faculdade de Filosofia, o chamado “Bar da Filô”:



O bar era pequeno, acanhado. Não ocupava mais de um terço da área. O restante do prédio era o CAFDR [Centro Acadêmico Franklin Delano Roosevelt], o bravo centro acadêmico que resistiu ao golpe de 1º de abril e teve seu presidente, Flávio Kouzii, cassado pelos militares.¹⁴

Posteriormente, em entrevista realizada no dia 7 de dezembro de 2006, Pont lembrou novamente da liderança de Flávio Koutzii no movimento estudantil da UFRGS naquele contexto:

Desde que entrei na universidade, comecei a ter militância no movimento estudantil. Por coincidência foi o mesmo ano do golpe militar. Nós tivemos um primeiro enfrentamento, porque professores foram cassados, foram afastados da universidade. O Flávio Koutzii, companheiro nosso, atualmente deputado, era o presidente do Centro Acadêmico, foi cassado também; algo que para nós era incompreensível, inaceitável – “Como é que um golpe militar lá em Brasília atinge aqui a universidade, o presidente do Centro Acadêmico

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. As aulas da Dona Helga. In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvonne. (Orgs.). **UFRGS: identidade e memórias – 1934-1994**. Porto Alegre: Ed. da Universidade – UFRGS, 1994, p. 215. Outro trecho deste texto é significativo para se compreender o clima político de então, mesmo para aqueles menos “organicamente” engajados em algum tipo de militância: “Embora eu não tivesse passado jamais do que se chamava ‘a esquerda festiva’ (sem ser filiada a nada, freqüentava tudo), procurava participar de todas as passeatas e manifestações que surgiam: tomada da Faculdade de Filosofia, a manifestação que resultou na invasão da catedral pelos soldados, reuniões dançantes (!) e corridas da polícia, que investia a cavalo e de fuzil” (p. 215-6).

¹⁴ PONT, Raul. O Bar da Filô. In: *Ibid.*, p. 68.

que nós elegemos?” –, enfim, foram os primeiros movimentos de resistência ao regime militar e a porta de entrada para uma militância no movimento estudantil.¹⁵

Outra ex-aluna da Faculdade de Filosofia da UFRGS, Maria Luiza Martini, relembra os políticos que, no Rio Grande do Sul, combateram a ditadura e, entre eles, inclui Koutzii:

A frente de resistência à ditadura reunia toda a esquerda na esfera pública. Tratava-se de derrotar o setor civil golpista, que se aliava ao poder militar, negociando com os setores liberais, democráticos e conservadores, não socialistas. Eram políticos como Carlos de Brito Velho (Maragato, Partido Libertador), dirigentes universitários como Angelo Ricci, lideranças estudantis como André Foster, Flávio Koutzii, Raul Pont, José Loguércio.¹⁶

De forma recorrente, há, nas memórias postas por escrito – e, portanto, visando a posteridade – das pessoas que participaram desta conjuntura, referências implícitas ou explícitas ao movimento estudantil e também à luta contra a ditadura militar brasileira. Ter sido “de 68” em Porto Alegre e, sobretudo, ter sido aluno da UFRGS neste período associa-se, quase que automaticamente, ao enfrentamento das arbitrariedades promovidas pelos militares, que atingiram em cheio a Universidade na forma de expurgos, cassações e perseguições. É esta imagem que configura os contornos de uma geração cujos integrantes, hoje, de forma geral, são muito valorizados como “aqueles que estiveram lá” e que, portanto, podem falar da experiência quase transcendente de ter vivido aquele momento tão conturbado.¹⁷

¹⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre. (Orgs.). **Muitos caminhos, uma estrela**. Memórias de militantes do PT. São Paulo: Perseu Abramo, 2008, p. 213-214.

¹⁶ MARTINI, Maria Luiza. Maio de 1968 no Rio Grande do Sul. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (Orgs.). **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003, p. 111-112.

¹⁷ Em janeiro de 2008, a revista *Época* publicou uma matéria de capa intitulada “1968: como entender o ano que mudou nossa maneira de ver o mundo”, inaugurando, de certa forma, as comemorações alusivas aos 40 anos daquela data. Na edição seguinte do periódico, a carta de um leitor do Rio de Janeiro saudava a escolha do tema, expressando, em seus contornos gerais, a sensibilidade daqueles que foram jovens no final da década de 1960: “Vivi 1968 com 18 anos. Vi a correria na Avenida Rio Branco, com cavalos sendo jogados sobre a população. Meus olhos choraram com o gás lacrimogêneo. Vi espancamentos, ouvi tiros e vi uma pessoa ser baleada em frente à sede do. Vi Vladimir Palmeira discursar na Cinelândia. Vi a correria dos estudantes na esplanada do Castelo. Vi cavalos, montados por policiais, caindo, impulsionados pelas bolas de gude jogadas a seus pés no asfalto da Rio Branco. Estava presente em carne e osso na famosa e oportuna Passeata dos Cem Mil. Caminhei nela da Candelária à Cinelândia. Hoje, deparo com a bela reportagem de *ÉPOCA*. Realmente, 1968 foi o ano que mudou o mundo”. (**Revista Época**, São Paulo, Globo, p. 8, 14 jan. 2008). Esta experiência multisensorial (ver, ouvir, cheirar, sentir na pele, estar presente “em carne e osso”) parece conferir aos membros da “geração 68” um certo “capital simbólico”, uma autoridade para dizer aquela época inacessível aos membros de outras gerações, tanto anteriores – por serem

Flávio, especificamente, aparece caracterizado como um dos “teóricos” e “gurus” daquele “centro da esquerda” (a Faculdade de Filosofia da UFRGS), integrante de sua “fina flor”, e como um “seríssimo líder” a ser respeitado. Koutzii aflora nas recordações de seus contemporâneos mesmo quando estes não são questionados diretamente sobre ele. Parte da explicação para tal fato reside na própria importância “concreta” do personagem naquele momento, como líder do Centro Acadêmico da “Filô” e divulgador das idéias que então mobilizavam os “corações e mentes” da mocidade, bem como na sua trajetória posterior de luta contra os regimes de segurança nacional no Brasil e na Argentina, e na sua atuação como dirigente do PT. Porém, para que possamos realizar uma reflexão mais densa a respeito destas recordações sobre a militância política de Flávio Koutzii no movimento estudantil, torna-se necessário examinar, ainda que brevemente, algumas questões referentes à problemática da construção da memória. Neste sentido, parte-se da tradição sociológica de estudos da memória inaugurada por Maurice Halbwachs, segundo a qual todo o processo de rememoração envolve sempre uma dimensão coletiva. Nas palavras do autor:



[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós; porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.¹⁸

Isto acontece porque toda a lembrança apóia-se em “quadros sociais”, ou seja, nos grupos dos quais a pessoa que lembra fez ou faz parte. Nas memórias de Koutzii – registradas por escrito ou expressas na forma de depoimentos orais –, os principais quadros sociais evocados são a família (em especial seu pai, Jacob), a chamada “geração 68” e os companheiros de militância. Em seu livro antes citado, “Pedaços de morte no coração”, esta interpenetração entre o individual e o coletivo se expressa no uso ora da primeira pessoa do singular, ora da primeira pessoa do plural. Assim, por exemplo, em um trecho do Prefácio, ele ressalta: “[...] faço este trabalho por mim e para

“caretas”, “velhos”, aqueles contra os quais se deveria lutar –, quanto posteriores – por serem “menos combativos”, “menos politizados”, entre outras caracterizações negativas.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 26.

mim”, para, alguns parágrafos depois, afirmar: “Daquela vez nós fomos vencidos”; e ainda: “Este livro quer explicar como nós resistimos a isso”.¹⁹

Ainda segundo Halbwachs, a memória individual resulta do cruzamento de múltiplas correntes de memória coletiva, o que confere singularidade e dinamismo às lembranças de cada pessoa. Citando novamente o sociólogo:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.²⁰

As pesquisas recentes realizadas por sociólogos, antropólogos e historiadores têm discutido algumas das formulações de Halbwachs. Ao invés de ressaltarem o caráter espontâneo da memória coletiva e sua “força quase institucional”, estes estudos procuram mostrar como determinadas lembranças se tornam coletivas e, para tanto, examinam os “processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias”.²¹ Prefere-se assim falar em “memória enquadrada”, e não em “memória coletiva”, já que ela resulta de um “trabalho de enquadramento”, o qual “reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”.²² O enquadramento de determinadas lembranças, que passam a ser consideradas como coletivas, tem efeitos poderosos sobre as lembranças individuais, as quais procuram, em nome da integração ao grupo, também “enquadrarem-se” nesta memória dominante. Tal trabalho de enquadramento motiva silêncios e esquecimentos relativos às recordações menos “oficiais”, mas não apaga totalmente as “lembranças dissidentes”;

¹⁹ KOUTZII, Flávio. **Pedaços de morte no coração**. O depoimento de um brasileiro que passou quatro anos no inferno das prisões políticas da Argentina. Porto Alegre: L&PM, 1984, p. 11,13-14.

²⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 51.

²¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, nº. 3, p. 4, 1989.

²² *Ibid.*, p. 9-10. A noção de “enquadramento da memória” provém do trabalho de Rousso, que examina como a “memória coletiva” francesa a respeito do governo de Vichy se modificou em diferentes conjunturas políticas. ROUSSO, Henry. Vichy, le grand fossé. Vingtième Siècle **Revue d’histoire**, nº. 5, 1985.

estas permanecem furtivamente circulando “[...] nas redes familiares e de amizade, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”.²³

Com a redemocratização política ocorrida no início da década de 1980 em vários países latino-americanos, as lembranças da geração que combateu as ditaduras militares deixou de ser dissidente, ou subterrânea, e circular apenas nas redes informais, para ganhar o espaço público e se tornar “oficial”.²⁴ Como estas recordações foram enquadradas? De maneira geral, construiu-se a memória de uma geração rebelde, contestadora, disposta a lutar contra todos os tipos de dominação (da dominação masculina à dominação estatal, passando pela dominação burguesa), generosa, ingênua, idealista e imbuída de nobres ideal. Nas palavras irônicas de Daniel Aarão Reis Filho:

A versão mais difundida apresenta os movimentos revolucionários dos anos 60 como uma grande aventura, no limite da irresponsabilidade: ações trelouçadas. Boas intenções, claro, mas equivocadas. Uma fulguração, cheia de luz e de alegria, com contrapontos trágicos, muita ingenuidade, vontade pura, puros desejos, ilusões. Diante do profissionalismo da ditadura, o que restava àqueles jovens? *Ferraram-se*. Mas demos todos boas risadas. Afinal, o importante é manter o bom humor. [...] Nesta sinfonia, os anos 60 terão sido anos vibrantes, mas loucos, e mesmo psicóticos [...]. Sobre eles deve cair um manto de compreensão e de boa vontade. Não é isso o que de melhor podemos dar aos meninos rebeldes dos anos 60?²⁵

Desta forma, configura-se uma memória “oficial” que despolitiza as vivências daquela geração, caricaturiza suas ações, ideais e projetos, e promove a conciliação entre os diversos grupos que então se confrontavam.

As concepções de memória apontadas podem ser utilizadas na análise dos textos comemorativos antes indicados, pois seus autores fazem parte de uma geração que partilha experiências e sentimentos, e que, ao recordarem, estão sujeitos aos mecanismos que essa ação suporta, às manipulações e às transformações que o tempo, os contextos político, social e cultural exercem sobre a forma como eles lembram o

²³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, nº. 3, p. 5, 1989.

²⁴ Ver, para o caso argentino: SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo/Belo Horizonte: Cia. das Letras/UFMG, 2007. No que tange à realidade brasileira, algumas considerações sobre este ponto aparecem em REIS FILHO, Daniel Aarão. Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60. In: _____ et. al. **Versões e ficções: o seqüestro da história**. São Paulo: Perseu Abramo, 1997; e SCHMIDT, Benito Bisso. Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer o Golpe de 1964 quarenta anos depois. **Anos 90**, Revista do PPG em História da UFRGS. Porto Alegre, v. 14, nº. 26, dez. 2007.

²⁵ REIS FILHO, 1997, op. cit., p. 34-37.

passado.²⁶ A memória da geração 68 é, hoje, como já foi mencionado, valorizada socialmente, pois está associada à resistência à ditadura e é vista como portadora de utopias e valores positivos, como exemplifica Celso Cândido: “Para uns, ele [1968] representou um marco considerável na história da humanidade, com suas palavras de ordem desconcertantes, o heroísmo de uma juventude que recusa a função instrumentalizante [...] do saber [...]”.²⁷ Assim, não é à toa que aqueles que foram jovens no final da década de 1960 reivindicuem parte desta “herança” tão positiva, seja para reafirmá-la na atualidade, seja para questioná-la em nome de um suposto “amadurecimento”, de uma “revisão” das atitudes “ingênuas” da mocidade.²⁸

João Carlos Bona Garcia, em seu livro de memórias “Verás que um filho teu não foge à luta”, narra suas experiências na luta contra a ditadura. Ele participou da militância estudantil em Passo Fundo, sua cidade natal, e se engajou, depois, na dissidência do Partido Comunista, “liderada em Porto Alegre pelo Raul Pont e pelo Flávio Koutzii”. “Bona” relata que este último “tinha a Livraria Universitária na Avenida João Pessoa, em frente à Universidade Federal”, onde “funcionava o núcleo da esquerda em Porto Alegre”, e que, sob a “liderança geral do Flávio Koutzii”, o POC havia criado vários núcleos no interior do Rio Grande do Sul. Ainda que diferente dos escritos comemorativos, este trecho das memórias de Bona Garcia reforça a representação de Flávio como uma liderança política importante nos movimentos de contestação ao governo militar e seu papel aglutinador dos militantes de esquerda na capital gaúcha.²⁹

²⁶ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 2, nº. 3, p. 4, 1989.

²⁷ AZAMBUJA, Celso Cândido de. 68 – a revolução do desejo. In: PONGE, Robert. (Org.). **1968: a ano de muitas primaveras**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998, p. 122.

²⁸ Este é o caso, por exemplo, de Fernando Gabeira e da atriz Marília Pera que, naquela conjuntura, atuava na peça “Roda Viva”, e foi atacada pelo Comando de Caça aos Comunistas. O primeiro afirmou recentemente: “Sou um pouco prisioneiro daquele período. [...] Reconheço que os anos 60 produziram muita rebelião, uma contracultura, mas foi tudo muito estéril. [...] Na verdade, eu gostaria que essa fosse a última vez que eu falo a respeito de 1968”. Já Marília comenta: “[...] a maior lição que aprendi com 1968 é que tanto faz o lado em que os políticos estão. O que eles querem apenas é poder e dinheiro. O resto não passa de utopia”. GABEIRA, Fernando. Entrevista. **Revista Época**, São Paulo, Globo, p. 70-72, 7 jan. 2008. Nos dois depoimentos, percebe-se um forte tom de desilusão e um desejo de se libertar daquele período, das amarras geracionais, embora, contraditoriamente, ambos os personagens tenham construído sua visibilidade pública no final da década de 1960. Para um contraponto, ver: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra. (Orgs.). **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

²⁹ GARCIA, João Carlos Bona; POSENATO, Julio. **Verás que um filho teu não foge à luta**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989, p. 15; 16; 29., respectivamente. Sobre esta livraria, Koutzii

No entanto, mais do que simplesmente reafirmar um papel de destaque para Koutzii, estas narrativas de rememoração, frutos das lembranças de uma geração que dividiu experiências, sentimentos, vitórias e derrotas, inserem o referido personagem em um contexto em relação ao qual ele opera como chave para a evocação e interpretação de uma realidade que o ultrapassa, que permite compreender um espaço de ação maior. O fato de Flávio ganhar destaque em muitas dessas narrativas nos permite pensar não só na sua importância individual, mas também que o contexto a partir do qual ele é lembrado mostra-se relevante para aqueles que lembram, pois é parte constitutiva de sua identidade. Afinal,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.³⁰

Em uma palavra: talvez seja a relevância das lembranças dessa geração sobre uma época de lutas, mobilização e resistência, constantemente reatualizadas por diversos atores, veículos e suportes (em especial nos aniversários “redondos” de 1968), que transforme Flávio Koutzii em um personagem importante para a memória coletiva daqueles que a compuseram. Assim, no entrelaçamento do individual e do coletivo, configura-se os contornos de uma identidade geracional e, nela, o personagem aqui enfocado desponta como um catalizador de múltiplas sensibilidades nas quais se misturam alegrias, prazeres, dores, medos, frustrações e esperanças.

recorda: “Lá, a gente trocava informações, eles davam as dicas de quem eram os caras quentes da Filosofia que estavam sendo lidos na época, era uma espécie de formação entre amigos. A ironia final era a de ter um perfil tão marcado de progressista, digamos, de esquerda em uma época que começava o fechamento dentro da ditadura. Em dezembro de 68, engrossou mesmo”. KOUTZI, Flávio. Entrevista concedida à: **Sextante entrevista**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, p. 19, jul. de 2000.

³⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, 1992. Neste texto, Pollak observa que “[...] a memória também é constituída por pessoas, personagens [...] de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram ao espaço-tempo da pessoa”. (Ibid., p. 208.) Flávio parece ser uma destas personagens que habita a memória de muitos daqueles que eram jovens no final da década de 1960 em Porto Alegre.